

Adeus ao nosso Padre Amirat

Luís Roberto de Francisco

Madrugada em Itu, quando ainda o sol não havia nascido, pontualmente às 5 horas, lá estava ele, à porta do Bom Jesus, abrindo a igreja para um grupo considerável de senhoras que vinha rezar o terço, cantar e louvar até que começasse a celebração da primeira missa da cidade, às 6 horas; discreto, dinâmico, metódico, um homem organizado à exaustão, assim era ele. Genioso também, não há dúvida, mas quem não o seria, depois do intenso treinamento para negar a si mesmo em nome da disciplina necessária para tornar-se um jesuíta? Esse homem admirável, pelos gestos de cortesia, nobreza e caridade, o nosso Padre Amirat, deixou o mundo dos vivos para ingressar na eternidade, em 12 de junho de 2010, poucos dias depois de completar 87 anos.

Chegou de volta a Itu, sua terra natal, em 1968, após uma carreira brilhante em colégios e universidades dos Estados Unidos e no Rio de Janeiro, para umas férias, a fim de se esquecer das mazelas da vida acadêmica. Ficou por vinte e quatro anos, no exercício do atendimento diário, sem descanso, com um incrível senso de compromisso com suas atividades, até 1992, quando os jesuítas deixaram a cidade, ano em que foi morar em Itaiaci. Continuou frequentando Itu, por outros cinco anos, como capelão da antiga Igreja do Senhor no Horto.

Nasceu Ranulpho Moraes Amirat, em Itu, a 27 de maio de 1923, filho de Pedro e Priscila Amirat. Seu avô francês – Louis Amirat, foi arquiteto de renome em Itu, construtor, entre outras interessantes obras, do Santuário Nacional do Apostolado da Oração (1904), como sempre relatava o orgulhoso neto-jesuíta. Na adolescência, então coroinha da Igreja do Bom Jesus, convidado pelo Padre Yabar, deixou a família para ingressar na Escola Apostólica, internato da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo. Era 1936. Antes de partir o menino operou as pálpebras caídas, porém nunca bem solucionadas, o que lhe sugeria certa soberba no olhar.

Fez todos os estudos de maneira notável na Companhia de Jesus, onde ingressou oficialmente em 1940. No último fevereiro de sua vida, recebeu carta do superior geral, felicitando-o pelo jubileu de 70 anos de jesuíta.

O Mestre Amirat lecionou nos colégios Aloisianum (RJ) e Loyola (Belo Horizonte). Aos estudos de Teologia, em Indiana, nos Estados Unidos, seguiu-se a ordenação sacerdotal, em 18 de junho de 1952. Na Califórnia estudou Física na Stanford University.

Ao voltar ao Brasil, o padre-cientista ocupou os importantes cargos de Reitor do Colégio Anchieta e Diretor da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, de Nova Friburgo (1961-63) e Vice Diretor do Instituto de Física da PUC RJ (1964-67).

Quem o via, aqui na igreja do Bom Jesus, realizando tarefas domésticas - a trocar lâmpadas dos altíssimos lustres, lavar roupas no tanque do quintal, a louça do almoço, limpar os banheiros da casa, ou ouvindo gente humilde, na porta da igreja, em prosa sempre embalada por ótimas e sonoras gargalhadas, não imaginava estar diante de um colosso intelectual, que ocupou notáveis posições na educação brasileira, mas que preferiu o anonimato como confessor e celebrante de duas missas diárias. Sempre pontual, às vezes antecipando-se aos horários, aparecia à sacristia, envolto em discreto silêncio. Vestia-se para as cerimônias utilizando rigorosamente todos os

paramentos, coisa geralmente abandonada pelo clero brasileiro, já naqueles anos. Seus sermões, aos sábados (idênticos no domingo) eram bem preparados. Escrevia, em folhinhas de papel jornal, pequenos pensamentos e palavras-chave que o orientavam. Falava do cosmos, de fenômenos físicos e forças da natureza, para fazer-se entender quando queria dizer do amor de Deus para conosco, do dever de perdoarmos, das nossas dívidas de gratidão divina: a racionalização da fé pela experiência científica. Exortava todos à oração, ao culto do Sagrado Coração de Jesus. A missa celebrava com rigores rituais, jamais acrescentando qualquer novidade, repetindo a mesma entonação de voz para certas palavras, aguardadas por nós, coroinhas daquele tempo (anos 70 e 80). Parece que estou a ouvi-lo dizer (meio cantado) o Oremos. Acabada a cerimônia da tarde, então se apressava para fechar o templo, jantar e logo se deitar, pelas 20h.

Padre Amirat era homem de hábitos exóticos: acordava às 3h15 da manhã, barbeava-se duas vezes ao dia, para estar sempre apresentável, comia pouco, quase nada de doces, nunca saía de casa para visitas: com o tempo foi ficando mais recluso, não tirava férias. No tempo de retiro anual, continuava em casa, sem prostrar ou cumprimentar qualquer um. Na porta da igreja uma foto de uma boca fechada com zíper, colada a um cartaz informativo, indicava o silêncio obrigatório.

A vida modestíssima era ornada de poucos objetos pessoais, refeição quase que para jejum, cotidiano de sacrifício religioso, de desprendimento e discretíssimo comentário alheio, porém rico em leituras, espiritualidade, em notório saber e ensinar, como os padres de antigamente. Sua caligrafia clássica, afrancesada, denotava rigorosa formação cultural, que utilizava para avisos, bilhetes, marcar missas, gentis cartões.

Em Itu foi também professor da Faculdade N. Sra. do Patrocínio, das Irmãs de São José, extensão da atividade de capelão na casa religiosa.

Tinha muita intimidade com a comunicação de rádio amadores e ondas curtas. Obcecado por tecnologia, passava bom tempo do dia consertando aparelhos eletrônicos, fabricando invenções, engenhocas para facilitar a vida em casa, como a sonorização da igreja, de extraordinária projeção do som com apenas quatro amplificadores, bem colocados, equalizados e microfones todos fabricados ali mesmo, no Bom Jesus.

Influenciou seus coroinhas, “poucos e bons”, com sua discreta aparência, mas notável compromisso com a vida religiosa. A vocação de alguns deles é marca da inspiração no sacerdócio: Padre José Ignácio Sonsini, em Itu e o Padre Floriano Silveira, em Caraguatatuba.

Padre Amirat viveu em Itaiaci até 2008 como confessor, quando foi transferido para a Casa de Saúde dos Jesuítas, em Belo Horizonte, com sintomas do Mal de Alzheimer.

Encontramo-nos, pela última vez, em 30 de dezembro de 2007, mas já não se lembrava dos nossos nomes, do tempo em que fora o amigo, a grande referência para nossa juventude, influenciando as escolhas, apontando os erros no percurso. No último aniversário, poucos dias antes do falecimento, apagou a velinha, sem saber direito o que se comemorava. Era a renúncia deste mundo nem sábio nem santo, que já não o merecia.

Soubemos de seu falecimento quase uma semana depois, na sexta-feira, dia 18, data do aniversário de sua ordenação sacerdotal. Era o dia da missa de 7º dia. E estava em Itu seu antigo coroinha, Padre Floriano, que vive em Caraguatatuba. Informado da

triste notícia, quando se preparava para dizer a missa, exatamente na sacristia do Bom Jesus, onde conviveu tanto tempo com o velho mestre, emocionado, celebrou a cerimônia de exéquias!

Talvez a melhor lembrança dos tempos de criança da minha geração seja o do seu **presépio mecânico**, que enchia de expectativa e diversão as noites quentes de janeiro. Aqueles bonecos de isopor e plástico, artesanalmente produzidos pelo meu tio Nicolino, eram magicamente movidos pelo ecológico maquinário - fruto de sucata - genialidade do físico que renunciou às glórias da academia para colocar seu potencial criador a fazer sorrir aquela molecada, que não deixa de recordar a alegria daqueles dias, da criatividade do padre-inventor. Como nos esquecer dos fartos saquinhos de bala?

Sua morte encerrou um ciclo de existência de uma comunidade e nos remete a contemplar a imensidão do Universo, esse mecanismo maravilhoso, construído pelo Criador, tantas vezes citado por ele, porque agora tem a ele, ao nosso Padre Amirat, como mais uma estrela a brilhar.

Agradecer “um milhão por cento”, como diria ele, não seria suficiente. Talvez mais um abraço, beijar-lhe a mão sagrada, vê-lo dentro da velha, cosida, mas sempre impecável batina preta, a nos olhar por cima, de seus olhos pequeninos, bastaria.